

# A Tradução da Língua de *Finnegans Wake*

---

*Dirce Waltrick do Amarante*

Doutoranda em Literatura

Tomou [James Joyce] conhecimento de todos os idiomas e escreveu numa língua inventada por ele, uma língua difícil de entender, mas notável por sua estranha musicalidade.

*Jorge Luis Borges em Sete Noites*

Para muitos estudiosos e tradutores de *Finnegans Wake* (1939), o último romance do escritor irlandês James Joyce (1882 – 1941) representa um caso especial dentro da problemática da tradução, uma vez que, em primeiro lugar, não se sabe bem o que se vai traduzir, ou seja, qual a língua de origem do romance.

Para compor *Finnegans Wake*, Joyce usou uma mescla de aproximadamente sessenta e cinco línguas e dialetos e

*Anuário de Literatura* 10, 2002, p. 93-107.

incluiu nesse novo idioma tanto línguas modernas quanto antigas, orientais e ocidentais, e ainda distorceu e disfarçou muitas delas, criando, assim, um enorme “quebra-cabeças cheio de adivinhações e jogos de palavras”<sup>1</sup>, como, por exemplo, na frase: “Are we speachin d’anglas landage or sprakin sea Djoytsch?” (Estamos parlando inglês ou você está se sprechando em Djoycenamarquês?) [FW 485]. Nessa pequena sentença, Joyce usou o francês (“d’anglais”), o alemão (“sprechen Sie Deutsch?”), o inglês e, poder-se-ia dizer, o “joyce”, ou “Djoytsch”, uma vez que algumas dessas palavras são criações dele próprio.

Assim, nem sempre é evidente ser o inglês a língua de origem do romance, ou aquela que prevalece sobre as outras. “Não sei em que língua, não sei em quantas línguas”<sup>2</sup> está escrito o romance, concluiu o filósofo Jacques Derrida.

Na opinião de Umberto Eco, “*Finnegans Wake* não está escrito em inglês, mas em ‘Finneganian’, e o Finneganian é uma língua inventada”<sup>3</sup>. Muito embora, segundo o ensaísta italiano, a linguagem do último romance de Joyce não se inclua totalmente em nenhum dos vastos conceitos de língua inventada. Conforme uma das definições, “língua inventada” seria aquela em que, ao menos parcialmente, tanto o léxico quanto a sintaxe são criadas por um autor, como é o caso da língua de Foigny (citada por Eco). Outro exemplo seria uma língua sem palavras convencionais, reduzida a um efeito sonoro, como ocorre, por exemplo, nos poemas de Hugo Ball ou na “Ursonate” de Kurt Schwitters, ou ainda, parece-me, em alguns poemas de John Cage.

A partir dessas definições, e levando em conta que a sintaxe de Joyce é basicamente a da língua inglesa, Eco concluiu que *Finnegans Wake* seria “antes de tudo um texto

plurilíngüe. Portanto, é igualmente inútil traduzi-lo, porque já foi traduzido. Traduzir determinado *pun* que tem um radical alemão A e um radical italiano I, significa no máximo transformar o sintagma AI em um sintagma IA”<sup>4</sup>.

A mescla de línguas não é, como veremos, o único problema a ser enfrentado pelos tradutores do último romance de Joyce.

A complexidade da linguagem do romance é acentuada ainda pela tentativa de dar a ela circularidade e simultaneidade – características motivadas não apenas por razões estilísticas, mas também por razões filosóficas, visto terem sido baseadas nas teorias dos pensadores italianos Giambattista Vico e Giordano Bruno<sup>5</sup>. Contudo, se no conjunto o livro é circular, suas partes contêm sentenças compostas numa seqüência normal, ou seja, a do inglês padrão, numa definição ampla. Podemos dizer, mesmo assim, que em *Finnegans Wake* o leitor se depara com “um novo idioma” – “a “chaosmos” governed by its own laws”<sup>6</sup>, segundo John Blades –, capaz de registrar novos sentidos e novas experiências da mente do ser humano.

Na verdade, Joyce empregava geralmente a construção normatizada do inglês ao escrever suas sentenças, como reconhecem os especialistas, encaixando nelas, porém, vocábulos fora dos padrões.

Em *Finnegans Wake*, uma só palavra pode concentrar dois ou mais significados, sendo que essa acumulação de significados se realiza através de associações semânticas, fônicas, gráficas e morfológicas.<sup>7</sup> Esse efeito multiplicador de significados, Joyce obteve ao utilizar principalmente dois recursos estilísticos: o trocadilho e a palavra-valise.

Os trocadilhos são jogos de palavras semelhantes no som, mas com significados diferentes, por isso, ao invés de apontar para um referente, eles geram sentidos múltiplos. Alguns exemplos de trocadilhos encontrados em *Finnegans Wake* são: “Maria full of grease” (Maria cheia de graxa), que toma o lugar da expressão “Maria full of grace” (Maria cheia de graça), ou ainda a expressão “making loof” (fazendo rumor), no lugar de “making love” (fazendo amor).

Já a palavra-valise, ou *portmanteau word* – termo cunhado por Lewis Carroll no livro *Através do Espelho* (1871) –, é um vocábulo que “empacota” duas ou mais palavras numa só, sendo que, no caso das palavras-valise criadas por Joyce, muitas vezes essas palavras pertencem a línguas diferentes. Alguns exemplos de palavras-valise joycianas são: “chaosmos”, originada a partir das palavras “chaos” (caos) e “cosmos” (cosmo); “laughtears”, que conjuga duas outras palavras, “laughter” (riso, risada) e “tears” (lágrimas); “funferall”, construída a partir das palavras “funeral” (funeral) e “fun for all” (divertimento para todos).

No entanto, não só as palavras são exploradas em *Finnegans Wake*, por vezes a unidade básica de construção da sua linguagem, tanto em termos de significado quanto de musicalidade, é a sílaba. O melhor exemplo disso são os “soundsenses”, vocábulos formados por uma associação de inúmeras letras. Constam do livro cerca de dez “soundsenses” e seu significado talvez só possa ser devidamente decifrado numa leitura em voz alta. Um exemplo de “soundsense” é o barulho do trovão que aparece já na primeira página do romance:

Bababadalgharaghatkamminarroanikonntonnerronn  
tuonnthunntrovarrhounawnskawntoohohoordenen  
thurnuk!

Em razão desses aspectos da linguagem do romance, caberia perguntar se o esforço de traduzir o livro seria realmente produtivo, ou se não seria mais útil e fácil que o possível leitor aprendesse inglês e se informasse dos fundamentos e técnicas de Joyce, como sugeriu Eco.

Todavia, a tradução de *Finnegans Wake* é possível e válida, conforme demonstrou o próprio Joyce, que incentivou seus tradutores e colaborou em pelo menos três traduções do livro: a francesa, a italiana e a alemã.

Quando consideramos a complexidade e as nuances da língua utilizada por Joyce em *Finnegans Wake*, entretanto, compreendemos facilmente que uma tradução literal da obra não é possível, nem mesmo uma tradução para o inglês padrão. Segundo o professor e tradutor do último romance de Joyce para o “português”, Donaldo Schüller, “traduzir para uma língua particular um romance como *Finnegans Wake*, em que se misturam mais de sessenta e cinco línguas, é efetivamente uma traição. Traduzir é sempre trazer outro universo lingüístico ao nosso”<sup>8</sup>. Caberia, idealmente, realizar na língua de chegada a mesma experiência lingüística que Joyce realizou na língua de origem, o “inglês”, partindo das mesmas premissas e tentando conservar o maior número de registros lingüísticos, jogos de palavras, alusões, etc.

Na opinião do estudioso e tradutor espanhol Francisco García Tortosa, a tradução de *Finnegans Wake* não seria em essência muito diferente de qualquer outra tradução<sup>9</sup>. Assim,

aceitando-se a premissa de que duas línguas nunca são totalmente equivalentes, dever-se-ia buscar compreender a função e o significado de todos os elementos lingüísticos do texto e procurar as correspondências aproximadas em outra língua. No entanto, o tipo de experimentação que as línguas permitem é variável, visto que elas possuem recursos diferentes. Deste modo, segundo Tortosa:

o trabalho do tradutor de *Finnegans Wake* consistirá em descobrir as equivalências funcionais, na sua vertente diacrônica e sincrônica, e em inserir modificações na norma lingüística que sejam capazes de gerar ramificações semânticas similares às do original, embora não idênticas, o que, por outro lado, considera-se um intento impossível.<sup>10</sup>

Mais cauteloso, Fritz Senn opina:

Por haver afirmado que *Finnegans Wake* não pode ser propriamente traduzido, eu iria mais longe e diria que não há razão por que ele não devesse sê-lo. Desde que nós saibamos o que está sucedendo. Pois quaisquer que sejam nossas opiniões sobre a impossibilidade da tradução – ela será tentada. O livro permanece como um desafio para os tradutores.<sup>11</sup>

O fato é que uma tradução de *Finnegans Wake* é sempre questionável, ou, segundo Umberto Eco, é uma tradução “que a cada passo diz, implicitamente, esta tradução não é uma tradução.”<sup>12</sup> Paradoxalmente, na opinião do ensaísta e escritor italiano, “pelo mesmo fato de ser teoricamente intraduzível,

*Finnegans Wake* é também – entre todos – o texto mais fácil de se traduzir porque consente o máximo de liberdade inventiva e não cobra a obrigação de fidelidade em qualquer que seja o modo narrado.”<sup>13</sup> O próprio Joyce, aliás, nas traduções que realizou, nem sempre foi fiel ao texto original, buscando, desta forma, renovar a língua de chegada com recursos que lhe eram próprios.

Traduções parciais e integrais do romance foram tentadas em diversas línguas, o que demonstra na prática que a tradução de *Finnegans Wake* é possível e tem sido realizada, com maior ou menor êxito estético. Em todas essas traduções existem elementos comuns e planos de significados semelhantes, o que evidencia a presença de leituras coincidentes e, o mais importante, que as traduções podem de certa forma “abrir uma brecha no mundo sombrio de *Finnegans Wake*”<sup>14</sup>.

No Brasil, fragmentos de *Finnegans Wake* foram traduzidos e publicados pela primeira vez em 1962. Augusto e Haroldo de Campos assinaram o trabalho e, a respeito dessa experiência de tradução, opinaram o seguinte:

A tradução se torna uma espécie de jogo livre e rigoroso ao mesmo tempo, onde o que interessa não é a literariedade do texto, mas, sobretudo, a fidelidade ao espírito, ao “clima” joyciano, frente ao diverso feixe de possibilidades do material verbal manipulado. E há uma rede renhida de efeitos sonoros a ser mantida, entremeadada de quiproquós, trocadilhos, malapropismos.<sup>15</sup>

A tradução de Augusto e Haroldo de Campos parece fiel ao “clima” joyciano, embora eles tenham traduzido apenas fragmentos, retirados de diferentes capítulos da obra.

Da tradução de fragmentos de *Finnegans Wake* à tradução de capítulos integrais da obra passaram-se quase trinta anos, pois somente em 1999 foi publicado em português o primeiro capítulo do romance, traduzido por Donald Schüler. Hoje já temos, em quatro volumes, versões integrais dos doze primeiros capítulos. Esses capítulos integram a primeira e a segunda partes do romance, que está dividido em quatro livros, ou partes, entre as quais se distribuem dezessete capítulos.

Sobre a tradução de *Finnegans Wake*, Schüler opinou o seguinte:

Traduzir não é possível. Não há correspondência entre uma e outra língua. Excetuando as linguagens técnicas: tradução mecânica. A língua literária rompe com todas as subordinações. As decisões do texto criativo são imprevisíveis. Joyce não faz mais que acentuar este processo. Todos os textos são intraduzíveis. Por isso é necessário recriá-los. Haroldo de Campos: só os textos intraduzíveis merecem ser traduzidos. Traduzir Joyce significa revitalizar um texto em estado de deteriorização, ativar o ciclismo viconiano. Em tradução, o texto morre.<sup>16</sup>

E ao avaliar seu próprio trabalho, Schüler definiu sua tradução da seguinte maneira:

Quem traduz Joyce não se pode abster da obrigação de criar similares aos da língua de origem. Distanciamos-nos com frequência da literalidade para captar efeitos que ultrapassam significados. Joyce não é nada austero. Tivemos o cuidado de não destruir a jocosidade (para não dizer *joycosidade*). Como não dispomos em português do aparato crítico que se formou ao longo das décadas em torno do texto original, procuramos manter-nos no âmbito da língua portuguesa e de línguas muito próximas ao português ao ensaiar o jogo verbal joyciano.<sup>17</sup>

Na apresentação de orelha do terceiro volume de *Finnicius Revém*, título brasileiro que Schüler deu para *Finnegans Wake*, o professor da Universidade Federal de Santa Catarina Sérgio Medeiros afirmou:

Impressa no português do Brasil e não em várias línguas sobrepostas, repleta de estilos e sotaques nacionais, inclusive o sulista, sotaque de origem do tradutor (veja-se a saborosa expressão “Lumptytumptupy Já deu pra Ty”), a epopéia joyciana é principalmente (creio) a “terra da jocosidade”, embora no original, ou em outras línguas (a obra já foi traduzida na íntegra para o francês, o alemão, o japonês) possa também ser outras “terras”, comportar outras linguagens, outros tons, ou todos os tons.<sup>18</sup>

Podemos na verdade afirmar que, no Brasil, a língua de Joyce já comporta várias linguagens, vários sotaques. Em minha dissertação de mestrado, *A Terceira Margem do Liffey: Uma Aproximação ao Finnegans Wake*<sup>19</sup>, por exemplo, analisei e traduzi o capítulo VIII do romance, que se tornou

conhecido, desde sua primeira publicação, como “Anna Livia Plurabelle”.

Esse capítulo narra o diálogo de duas lavadeiras que, enquanto lavam roupa à margem do rio Liffey – rio que corta a cidade de Dublin –, falam sobre a vida de Anna Livia Plurabelle, mulher de Humphrey Chimpden Earwicker, protagonista do romance, também conhecido por outros nomes ou pela sigla H. C. E. (Here Comes Everyboby ou, na tradução de Donald Schüler, o Homem a Caminho Está). No decorrer da conversa Anna Livia transforma-se no rio Liffey, ou confunde-se com ele. Outros personagens são citados na fofoca das lavadeiras, que só termina com o anoitecer e a transformação das mesmas em pedra e árvore.

Escolhi traduzir esse capítulo por ser, segundo os estudiosos, o mais conhecido, o mais traduzido e talvez aquele que permita o acesso mais fácil ao romance.

A idéia de fazer essa versão, da qual apresento a seguir um fragmento para demonstrar os argumentos sobre tradução apresentados acima, surgiu inicialmente como um modo prático de estudar e compreender as técnicas narrativas e estilísticas de Joyce.

Na feitura da minha versão segui um princípio bastante similar ao do professor Schüler: “cada texto a ser traduzido impõe suas próprias leis. Não se podem criar leis gerais para a tradução. O tradutor deve aprender com o texto que traduz”<sup>20</sup>.

Como o ritmo da frase joyciana é em parte baseado em monossílabos – comuns na língua inglesa, mas não no nosso idioma –, não pude reproduzi-lo, restando-me a recriação;

obtive, assim, um ritmo brasileiro, talvez latino, um ritmo mais lento, ao adotar palavras mais longas do que as do original.

Ao enfatizar o ritmo (acento, rimas, aliterações, assonâncias), entretanto, deixei de lado a recriação de outros aspectos da obra de Joyce, embora tenha valorizado também seus aspectos semânticos e, em particular, as palavras-valise. Procurei ainda preservar o diálogo entre diferentes línguas. Esse diálogo, reconheço, é infinito ou inesgotável. Por isso Augusto e Haroldo de Campos afirmaram que qualquer tradução, especialmente a de *Finnegans Wake*, “nunca assume o aparato estático do definitivo, mas permanece em movimento, tentativa aberta e constante”<sup>21</sup>. Tentativa, talvez, de se atingir o inatingível – o todo.

Segue-se, pois, um fragmento da minha versão de “Anna Livia Plurabelle”, precedida do texto original e seguida da versão de Donald Schüler, para que o leitor possa verificar as diferentes possibilidades – discutidas por mim neste artigo – de recriação dos recursos narrativos utilizados por Joyce e constatar a dimensão do desafio de traduzir um texto tão denso e ambíguo como o do escritor.

### **Anna Livia Plurabelle: Cap. VIII, p.203**

...he plunged both of his newly anointed hands, the  
core of his cushlas, in her singimari saffron strumans  
of hair, parting them and soothing her and mingling  
it, that was deepdark and ample like this red bog at  
sundown. By that Vale Vowclose's lucydlac, the  
reignbeau's heavenarches arranged orragend her.  
Afrothdizzying galbs, her enamelled eyes

indergoading him on the vierge violetian. Wish a wish!  
 Why a why? Mavro! Letty Lerck's lafing light throw  
 those laurels now her daphdaph tease song petrock.  
 Maass! But the majik wavus has elfin anon meshes.  
 And Simba the Slayer of Oga is slewd. He cuddle not  
 help him himself, thurso that hot on him, he had to  
 forget the monk in the man so, ...

...ele mergulhou ambas suas recém-ungidas mãos, o cerne do seu pulso, no curso do cabelo cantamarino açafrao dela, dividindo eles e suavizando ela e mesclando ele, aquilo era escuro-profundo e amplo como o pântano vermelho no pôr-do-sol. Por aqueles lucydoslagos do Vale Vowclose, os ceute-arcos do arco d'íris arranjados ao redor dela. Amaryellows afrodiszyarcos, seus esmaltados olhos indigoinstigando ele à beira da violetação. Desejo um desejo! Por que um porquê? Mavro! Aquela luminosa faixa agradável de luz de Letty Lerck lauraando agora sua tãotola caçoante-canção petrárquica. Maass! Mas as mágicas ondas têm mille uma armadilhas. E Simba o Matador do seu Mar é lascivo, ele mesmo não pode evitar, aquele desejo ardente sobre ele, assim teve que esquecer o monge que habitava o homem, ... (Dirce Waltrick do Amarante)

...ele afundou suas recém-ungidas mãos, o cerne do pulso, na caudalosa corrente de seus singimari cabelos, partindo-os, tranqüilizando-a, misturando-os, isto se deu na escuridão e na Vermelha amplidão do crepúsculo. Junto ao lucylado no Vale de Vaucluso, as arrongeadas cores do arco-iris a orangeavam. Afroginosos galbos, seus olhos esmaltados, índigo-envolventes, virginais, violáceos. Desejo um desejo!

Por que o por quê? Moura! Dos sorrisos pendentes nos leves lábios de Letty Lerck aos de Laura laureando sedutores dáfnicos a Petrorca. Música! Maass as mágicas ondas ondeiam mil mechas red ondas Siva-Simbá sangra-singra libidinosos líquidos. Como deter cuchilos, o calor era tanto, teve que olvidar o monge no homem,... (Donaldo Schüler)



### Notas

<sup>1</sup> GONZALES, Jose Carnero. *James Joyce y la Explosión de la Palabra*. Sevilla: Publicaciones da la Universidad de Sevilla, 1989, p.04.

<sup>2</sup> DERRIDA, Jacques. Duas Palavras por Joyce. Tradução de Regina Grisse de Agostino. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). *riverrun. Ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.17.

<sup>3</sup> JOYCE, James. *Anna Livia Plurabelle*. Torino: Giulio Einaudi, 1996, p. VI, VII.

<sup>4</sup> idem, p. VII.

<sup>5</sup> Grosso modo, poder-se-ia dizer que, para Vico, cada palavra “conta” uma pequena história; ou cada palavra é um pequeno mito. Já a teoria de Bruno pregava a “coincidência dos opostos”, ou seja, tudo que há na natureza desenvolve um oposto e, a partir dessa antítese, forma-se uma nova síntese, sendo que essas transmutações seriam circulares.

<sup>6</sup> BLADES, John. *How to Study James Joyce*. Londres: Macmillan, 1996, p.,155.

<sup>7</sup> GONZALES, Jose Carnero. Op. cit., p. 147.

<sup>8</sup> Folha do Povo . Campo Grande, 20 de maio de 2001.

<sup>9</sup> TORTOSA, Francisco Garcia. *Anna Livia Plurabelle*. Madri: Cátedra, 1992, p. 110.

<sup>10</sup> idem, p. 111.

<sup>11</sup> SENN, Fritz. “Joycean Tranlatitudes: Aspects of Translation”. In: BATES, Ronald e POLLOCK, Harry J. *Litters from Aloft*. Tulsa: The University of Tulsa, s/d, p.48.

<sup>12</sup> JOYCE, James. Op. cit., p. V.

<sup>13</sup> idem, p. XI.

- <sup>14</sup> TORTOSA, Francisco García. Op. cit., p. 116.
- <sup>15</sup> CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Panorama de Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 21,22.
- <sup>16</sup> DIEGUES, Douglas. Traduzindo o Intraduzível *Finnegans Wake*. *Folha do Povo*, 20/maio/2001. Palavra Boa, p. 04.
- <sup>17</sup> JOYCE, James. *Finnegans Wake/ Finnicius Revém – Capítulo 1*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p.25.
- <sup>18</sup> JOYCE, James. *Finnegans Wake/ Finnicius Revém – Capítulo 5, 6, 7, 8*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- <sup>19</sup> Dissertação defendida na Universidade Federal de Santa Catarina em agosto de 2001.
- <sup>20</sup> DIEGUES, Douglas. Op. cit., p. 04.
- <sup>21</sup> CAMPOS, Augusto e Haroldo de. Op. cit., p. 21.

### Referências Bibliográficas

- BLADES, John. *How to Study James Joyce*. Londres: Macmillan, 1996.
- CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Panorama de Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DIEGUES, Douglas. *Traduzindo o Intraduzível Finnegans Wake*. *Folha do Povo*, 20/maio/2001. *Suplemento Palavra Boa*.
- DERRIDA, Jacques. *Duas Palavras por Joyce*. Tradução de Regina Grisse de Agostino. In: NESTROVSKI, Arthur (org). *riverrun*. Ensaios sobre James Joyce. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- GONZALES, Jose Camero. *James Joyce y la Explosión de la Palabra*. Sevilla: Publicacionas da la Universidad de Sevilla, 1989.
- JOYCE, James. *Anna Livia Plurabelle*. Torino: Giulio Einaudi, 1996.
- JOYCE, James. *Finnegans Wake/ Finnicius Revém – Capítulo 1*. Tradução de Donald Schüller. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

JOYCE, James. *Finnegans Wake/ Finnicius Revém - Capítulo 5, 6, 7, 8. Tradução de Donaldo Schüler. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.*

JOYCE, James. *Finnegans Wake/ Finnicius Revém - Capítulo 9, 10, 11, 12. Tradução de Donaldo Schüler. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.*

TORTOSA, Francisco Garcia. *Anna Livia Plurabelle. Madri: Cátedra, 1992.*

SENN, Fritz. *Joycean Tranlatitudes: Aspects of Translation. In: BATES, Ronald e Pollock, Harry J. Litters from Aloft. Tulsa: The University of Tulsa, s/d.*

